REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 828

30 DE DEZEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

GLORIA IN EXCELSIS DEUS

CHRONICA OCCIDENTAL

Deram que falar os theatros n'esta ultima semana de fim d'anno, accumulando de fórma tal as primeiras representações, que andavavam os amadores de novidades theatraes deitando os bofes bocca fóra.

Primeiras em S. Carlos, em D. Maria, na Avenida, no D. Amelia, na Trindade, que mais ainda? E cada qual no ceu genero, e todas de fazer cócegas á curiosidade.

Uma revista e um mysterio, uma opera comica e uma peça franceza das mais afamadas! E algumas á mesma hora, por mais que os jornaes gritem e clamem que assim não é possivel!

Rodam carruagens em todas as direcções. Encontram-se subindo e descendo o Chiado. A' luz dos candieiros fulgem no interior as sedas brancas.

E' o pleno inverno.

S. Carlos, que é quem nos almanachs elegantes marca o principio da estação, tem mandado pôr nos cartazes as peças que mais enthusiasmam o publico d'agora: *Tosca, Bohême, Lohengrin, Mephistopheles*.

Tudo tragedias, com mortes nos finaes, mortes horriveis, suicidios, homicidios, como é por emquanto de praxe na scena lyrica.

Tenores, damas e barytonos andam sempre fartos de morrer, ainda que mais commodamente que o Zacconi, que tem fama de ser o mais perito n'esse rendoso officio.

O que é devéras para temer, e por dobrada causa, é que muito em breve nenhuma d'essas mortes nos commova em scena.

A serie de crimes parece querer andar muito longe do seu termo. Os srs assassinos continuam dando aos jornaes uma protecção escandalosa.

Logo depois d'aquelle drama do apaixonado sapateiro disparando o revolver sobre quem o intrigára em seus amores, veio o apparecimento misterioso do cadaver na cerca das Sallesas.

Mas se os assassinos não tomam juizo, d'aqui a pouco perderão todo o interesse e hão de vir simplesmente em columna, como quem é do *high life* e faz annos.

Que idéa andarem agora disparando tiros ou rachando cabeças n'um tempo tão alegre como sempre devem ser os finaes dos annos!

Do Natal ao Anno Bom tudo devia ser alegria, bons presentes e boas festas.

O tempo tem ajudado pouco. Nem era preciso que o Saragoçano ressuscitasse para prever a teimosia d'estas chuvas, que transformaram Lisboa n'um mar de lama.

Ajudando a chuva, até rebentou um cano no Rocio, innundando as lojas!

Mas apesar d'isso, o tempo tem corrido alegre... para muitos pelo menos.

E' que basta o nome de Natal para abrir sorrisos, para despertar suavissimas saudades! Quem haverá tão desgraçado no mundo que não se recorde d'algum jantar alegre de familia, d'um maior conchego n'esse dia, d'algum carinho de maior amizade? Até o pobre deve ter tido n'esse dia uma melhor esmola.

E' a mais linda das festas na egreja, é a mais cheia de encantadoras tradições em Portugal. E' linda na cidade, é cheio de poesia nas aldeias.

A missa da meia-noite ha de sempre commover os que foram educados christãmente. O repicar dos sinos alta noite, o canto do orgão, as estrellas que brilham a essa hora, hão de sempre lembrar-lhe o momento em que na terra se ouviram côros do céo, em que no céo brilhou mais uma estrella, que nenhum astronomo conhecia.

Que differença entre o contentamento purissimo e tranquillo d'estes dias e a alegria suja e bulhenta d'esse tempo que não tarda, que se chama entrudo, e dá volta a muito miolo alcoolisado!

Andaram agora os pobres perús calcurriando a lama d'essas ruas e com as pennas molhadas tinham um aspecto tristissimo, como sabendo que negra sorte os esperava. O bando de gallinaceos breve será substituido pelo outro mais immundo dos chéchés, as pennas por outras muito mais desconsoladas, a panella chilreante pelos calaboiços negros da Estrella.

São férias agora e isso augmenta, e muito mais, a alegria d'estes tempos.

As casas teem outra claridade e á falta de pardaes nas arvores teem ellas chilreios á farta desde madrugada até á noite.

Para mais animar Lisboa vieram ahi os estudantes de Coimbra com a sua tuna dar um espectaculo no theatro D. Amelia.

Pois não obstou a chuva, que logo na noite da chegada começou cahindo torrencial, a que as ruas, por onde haviam de passar, se enchessem de gente, que os applaudia e os acclamava.

Onde foram de visita, na Sociedade de Geographia, na Associação dos Jornalistas, na Camara Municipal, os applausos foram constantes e andou no ar aquella alegria que em torno de si espalha como um perfume, a mocidade.

O director da tuna, Dr. Costa Ferreira, segundanista de medicina, é dos mais intelligentes e sympathicos rapazes da Universidade. Cheio de calor, espalhou por todos os lados seus discursos, communicando a todos seu fogo de puras crenças.

E sempre, juntamente, a nota alegre do Pad' Zé, nos cafés, nos theatros, no circo.

Foram-se. Apenas ficaram os lisboetas e mais um ou outro, arreigado a algum amigo, a um resto de folia permittida por um restos de cobres.

Com os theatros todos abertos annunciando a estação de inverno, começaram tambem abrindo suas salas alguns dos mais elegantes membros da sociedade portugueza.

A musica tem servido de pretexto para algumas d'essas reuniões e felizmente que o gosto pela mais bella das artes assim se vae entre nós espalhando, em grande parte devido á iniciativa de muito illustres senhoras, enthusiasticas apaixonadas dos grandes mestres immortaes.

A chuva continuada, o horrivel estado das ruas, não tem permittido os passeios pela Avenida, tão animada sempre n'este tempo, quando as tardes são limpidas e amorosas.

A Avenida parece agora um deserto.

No primeiro dia bonito ha de cahir lá Lisboa em peso, sequeosa d'um trago de bom sol.

Entre os passeantes poderemos ver a Rainha Sr.ª D. Maria Pia, de volta finalmente de sua longa viagem pelo Estrangeiro.

Lisboa está quasi completa; póde levantar a taboleta, quando derem entrada na cidade os representantes do paiz na proxima reunião das Côrtes.

Correu a ballela de crise ministerial, mas foi logo desfeita pelos mais acreditados jornaes em desmentidos.

Os srs. deputados eleitos terão por isso todo o vagar para fazerem boa figura em S. Bento, se a sorte e o deus da Rhetorica os protegerem, como é de esperar e do coração lhes desejamos para gloria d'elles e maior animação da palestra politica.

Entre elles não faltarão alguns purissimos, entrando com todo o fogo nas discussões, e bastantes semi-virgens, algo sabidos na estrategia.

E durante esses dois mezes que vêm, uns e outros atrahirão os olhares das galerias, onde curiosos e viciosos se accumulam sempre muito promptos a applaudir os novos, até que estes se affirmem com algum valor. Depois é quasi certo dizer-se mal d'elles, porque a unica posição invejavel n'este paiz é a de menino esperançoso.

Elles animarão este principio d'inverno e talvez com elles os que, de volta do Brazil, encontrarem a menos, ao chegarem a Portugal, os inquisitoriaes tormentos do Lazareto.

Parece que vão passar á historia. Como elles fosse tambem o zelo em demasia das nossas celebradas alfandegas.

E assim teremos chegado ao fim do anno, que, fazendo tilitar suas ferragens velhas, quasi no termo de seu caminho, vae despenhar-se no abysmo onde dormem seus irmãos.

D'aqui a pouco pertence á historia. Não sei o que d'elle ella terá que dizer. Como de todos: muito bem e muito mal. Cada qual consultado, terá sua opinião muito differente; mas, em geral, dirá como de todos diz a historia, muito bem e muito mal.

Fim do anno que principiou o seculo, ha de o seculo parecer-se com elle.

Agora é a republica Argentina e o Chili que parecem estar de acôrdo em continuar o desacordo na humanidade. Ainda vem longe essa paz geral porque andam, ha tanto, suspirando os congressos.

Chove, chove continuadamente. O céo é todo sombrio. Mas os lavradores andam contentes, por emquanto.

Na cidade é que o tempo é mais triste.

Dezembro!

Passou-se um anno. Passou se!...
Risos, dôres, glorias, lutos,
Foram forçados tributos
Que o tempo a seu tempo trouxe.

Um anno é sempre agridoce:
Tristes prantos logo enxutos,
Risos de poucos minutos...
O tempo o tempo não fosse.

Ei-nos, emfim, em dezembro.
Se do passado me lembro,
A saudade me lacera.

Vai sombrio o tempo. Chove.
O tempo a engrenagem move,
Voltará co'a primavera

Um bocadinho de philosophia optimista dos meus tempos de poeta.

João da Camara.

NATAL

Um edicto do Imperador Augusto mandara alistar todas as familias do seu imperio, pelo que todo o povo se desinquietou e se dirigio para Bethlem, a cidade de David.

Assim se cumpria o que os profetas haviam annunciado de que o Messias nasceria em Bethlem.

Em obdiencia ao edicto do imperador, a Virgem Maria e seu Santo Esposo José se dirigiram para a cidade de David, onde já não encontraram hospedagem, nem quem os quizesse receber.

Tiveram de recolher-se a um presepio e ali, pela meia noite de 25 de dezembro do anno 4:000, deu a Santissima Virgem á luz o promettido Messias Jesus Senhor Nosso.

N'aquella humilde e desconfortavel morada nasceu o Redemptor, e os mais humildes pastores foram, tambem, quem primeiro tiveram noticia do imcomparavel acontecimento; pela revelação d'aquelle Anjo que lhes disse encontrariam n'um presepio de Bathlem *um Menino envolto em pobres panos e que este era o que lhes annunciava, o qual era toda a esperança de Israel.*

E os pastores para lá se dirigiram e aduraram a Jesus Nascido.

E os Anjos cantaram *Gloria in exelsis Deus.*

* * *

Aos humildes se seguiram os poderosos, em render preito ao Redemptor do Mundo.

Do Oriente vieram os Reis Magos atrahidos por uma Estrella de deslunbrante brilho, que só então no Ceu appareceu como signal do Nascimento do Messias.

Aquella Estrella guiou os Magos, em sua jornada, ao presepio de Bethlem, onde adoraram a gesus e lhes offereceram incenso, myrra e ouro em pó que trasiam dos seus reinos.

E assim os humildes e grandes da terra prestaram a dôração ao Redemptor da Humanidade.

E a grande familia christã rejubila n'este dia de paz e de amor.

O conto das tres maçãsinhas d'oiro [1]

Era uma vez um pae que tinha sete filhos. Como não tinha com que os mantêr, nem trabalho para lhes dar, lembrouse de os despedir todos por esse mundo fóra, para que fossem procurar vida. Chamou-os então, e disse-lhes assim:

— Filhos, eu não tenho que vos dar, e nem sequer trabalho; e por isso, é preciso que cada um de vós vá tratar da vida, e ganhe para o seu sustento, porque eu já estou muito velho e não posso mais.

Os rapazes ficaram todos muito pensativos, mas nenhum d'elles disse palavra. Quando chegou a hora da partida, o pae chamou o mais velho e disse-lhe assim:

— Vê lá, filho, qual queres mais: a minha benção, ou um bocado de pão para o caminho?

— Mais quero o pão, — respondeu o filho mais velho.

O pae partiu uma fatia de pão e deu-a ao filho, que logo em seguida se foi embora.

Chamou depois o seguinte em edade, e fez-lhe a mesma pergunta; e esse respondeu tambem que mais queria o pão, e responderam o mesmo os outros todos, até ao sexto.

Veio depois o mais novinho, que tinha só sete annos, e disse lhe o pae as mesmas palavras:

— Vê lá, filho, qual queres mais: se o meu pão se a minha benção.

O pequeno pôz-se a chorar, e respondeu que

[1] Do livro *Os meus amores*, de Trindade Coelho.

mais queria a benção ; — e o pae deitou a benção ao filho mais novo, que se foi embora sempre a chorar.

*

Sahiram os rapazes ; e cada um tomou por caminho differente, á procura de trabalho, ou de algum amo para se apreitar. O mais pequeno, esse a bem dizer nem sabia aonde ia, porque nem edade tinha para se governar, e ás vezes sentava-se debaixo d'uma arvore, e punha-se a chorar já muito cançado. Até que á bocca da noite encontrou uma mulher muito bonita, que se voltou para elle e disse-lhe assim :

— Menino' tu onde vaes?

— A ganhar a vida — respondeu o pequeno. A vêr se encontro um amo para me apreitar.

— Tão pequenino?!...

Elle então contou-lhe o que se tinha passado com o pae mais com os outros irmãos, e a apparecida disse-lhe assim :

— Queres tu justar te commigo?...

— Sim senhora, quero. Quem me dera ! — respondeu logo o rapasinho.

— E então quanto queres ganhar ?

Eu, o que me der !

— Bem' então estamos justos ! Mas olha lá que tens de me servir sete annos, e no fim dou-te tres maçãsinhas d'oiro, que é a soldada. Queres ?

— Quero, sim senhora.

E o pequeno foi algum tempo detraz da ama. Mas vae senão quando, os dois desappareceram no ar, assim como n'uma nuvem de fogo!—O pequeno nem tinha desconfiado, mas a sua ama era Nossa Senhora.

*

Por lá andou o pequeno sete annos, que lhe pareceram a elle só sete dias; e no fim a ama mandou-o embora, e deu-lhe as maçãsinhas do ajuste que eram tres.

— Toma ! Dá-as a teu pae, e diz-lhe que é para te sustentar com ellas, mais aos teus irmãos. Toma. Mas não a dês senão a teu pae, ouviste ?

O pequeno foi-se logo embora muito contente, morto por dar ao pae as tres maçãsinhas, que haviam de chegar para elle e para os outros irmãos; e quando já ia perto de casa, encontrou dois que já tinham voltado, mas por signal ambos muito pobres.

Os tres pozeram se então a conversar ; e o mais novo contou aos irmãos a boa ama que tinha encontrado, e mostrou-lhe as tres maçãsinhas.

Os irmãos ficaram cegos com o brilho do oiro; e logo alli rogaram muito ao mais pequeno que lhe désse a cada um sua maçãsinha. Mas elle respondeu que só as dava ao pae e o pae que as repartisse por todos como quizesse.

A vista d'isto, e como o irmão não queria dar as maçãs á boa-mente, logo alli resolveram matál-o e tirar-lh'as depois, e se bem o pensaram melhor o fizeram; — mas qual não foi o espanto d'elles, quando viram que nem depois de morto arrancavam as maçãsinhas da mão do irmão?!

Os dois resolveram então enterrar o pequeno, e foram-se p'ra casa depois de o enterrar, e muito crentes que o seu crime se não saberia, porque ninguem o tinha presenceado. Mas d'ahi a mez pouco mais, um pastor passa por alli, e vê uma canna muito viçosa e muito bonita, que nascia onde o pequeno estava enterrado ! Cortou a e fez uma flauta. — Mas vae senão quando, o pastor põe-na á bocca, e a flauta impeça a dizer .

> Toca, toca, ó pastor,
> Que meus irmãos me mataram,
> P'r amor de tres maçãsinhas
> E ao cabo não nas levaram.

O pastor ficou muito aterrado com o succedido, e foi-se d'alli onde a um carvoeiro, que andava no monte a fazer carvão, e contou-lhe o caso. O carvoeiro, inda mais espantado, pega na flauta e põe-se a soprar, e a flauta que entra logo a dizer :

> Toca, toca, carvoeiro,
> Que meus irmãos me mataram,
> P'r amor de tres maçãsinhas
> E ao cabo não nas levaram.

Ficou o carvoeiro que nem sabia d'onde era ! E como estava de caminho para ir para a aldeia, e a flauta tinha a virtude de fallar, pediu ao pastor que lh'a emprestasse, a vêr se lá p'lo povo adivinhavam aquillo.

Levou a flauta o carvoeiro, e a primeira casa onde entrou foi a do ferreiro ; e logo alli contou o que tinha acontecido e mostrou-lhe a flauta. Mal o ferreiro a põe á bocca, a flauta que começa logo :

> Toca, toca, ó ferreiro.
> Que meus irmãos me mataram,
> Pr' amor de tres maçãsinhas
> E ao cabo não nas levaram.

A este tempo entrava na forja o pae do morto, que ficou tambem muito admirado quando lhe contaram o que dizia a flauta ! Pega tambem n'ella o pobre do velho, e põe-se a soprar. e a flauta diz logo assim :

> Toca, toca, ó meu pae,
> Que meus irmãos me mataram,
> Por tres maçãsinhas d'oiro
> E ao cabo não nas levaram.

O velho pôz-se muito branco, e acudiu-lhe logo que as palavras da flauta diziam respeito á sua familia, N'essa occasião entrava na frágua um dos filhos do velho, que era um dos dois que já tinham voltado, e que trazia carvão para aguçar umas ferramentas. O pae parece que o coração lhe advinhou, porque mal o rapaz entra na forja, dá-lhe a flauta para que tocasse :

— Toma ! Toca essa flauta !

Leva o rapaz a flauta á bocca, na boa fé, e ella começa logo :

> Toca, toca, meu irmão,
> Que tu mesmo me mataste,
> P'r amor de tres maçãsinhas
> E ao cabo não nas levaste !

O rapaz ficou muito atterrado e viu-se-lhe logo na cara o signal do crime. Mas como os filhos do velho eram sete e só dois é que tinham voltado, precisavam saber qual era o morto, Foram-se então d'alli onde ao pastor, que os levou onde tinha cortado a canna ; e cava-que-cava mesmo no sitio, não tardou que apparecesse o corpo do pequeno, e n'uma das mãos as tres maçãsinhas.

Por mais que alguns fizeram, não foram capazes de lhe tirar as maçãs; mas mal que o pae lhe tocou, abriu a mão e largou-as logo. Viu-se então que se tratava d'um grande milagre; e levados á presença do cadaver, os dois irmãos confessaram o que se tinha passado, — e logo alli appareceu a Virgem Santissima e arrebatou para o céo o corpo do pequeno, no meio d'uma nuvem de fogo!

Logo em seguida a terra abriu-se, e enguliu os dois irmãos !

Trindade Coelho.

O PRESEPIO

HAVIA quasi um anno que estava na loja, mercearia n'um bairro escuro, em que mal entrava de esguelha, como espreitando a medo, um raio de sol, entre as casarias muito altas da rua tortuosa

Com doze annos, que saudades tinha da aldeia, da familia, dos antigos companheiros de escola, dos cães amigos que ladravam de noite a vigiar a casa !

Tudo lá tão longe ! Ah ! se elle soubesse !

Pois nem uma lagrima lhe viera annunviar o ultimo adeus, quando a diligencia dera volta na estrada e elle vira sumirem-se os choupos da ribeira e o lenço que mão saudosa sacudia no alto do cabeço.

É que o deslumbrava a idéa de Lisboa, de que tantas maravilhas grandes lhe contavam. Ainda agora partia, e ja se via de volta na aldeia, de relogio e cadeia d'oiro, a falar d'alto, a puxar o bigode, a dar enchente, como o Januario, que lhe arranjára o logar.

Com o seu examesinho de instrucção primaria, marçano d'uma tenda... Não, que os paes não o queriam para cavador.

Tinham sido consultados o mestre-escola, o prior, o sr. Freitas, lavrador muito importante que arrastava tudo nas eleições, o Custodio, velhote de muito bom conselho, e todos se haviam mostrado de acordo : Não havia como Lisboa para fazer um homem. Era ver o Januario que tinha casado com a viuva do patrão. A loja era d'um cunhado d'elle, bom homem, aspero mas bom homem. Os olhos baixos do Manuelzito, fitos no chão, viam no tijolo resplandecer aureolas, que giravam como o fogo de vistas pelas festas.

Ali estava, havia quasi um anno; e no desvão da escada, onde ás dez horas o mandavam deitar, a morrer de calor no verão, no inverno a morrer de frio, punha-se a rever os campos e a casa deixados sem as lagrimas, que lhe agora corriam em grossos fios pelas faces.

Os primeiros dias haviam passado muito lentos. A conselho do Januario, um biscoito ou outro da mão papuda e oleosa do merceeiro haviam-o ajudado na tarefa. Assim é que elle havia de ser homem um dia. Mas o patrão mostrava maior pressa.

Pae, mãe e mestre-escola nunca lhe haviam batido. Atreveu-se uma vez a declaral-o Foi peor.

Chegou o verão. As festas de S. João e S. Pedro augmentaram-lhe a tristeza. Reviu n'esses dias mais intensamente a alegria da aldeia, os bailes á noite em volta da fogueira, a ida á fonte pela manhã, o sino a tocar á missa, e elle a pensar que, quando fosse crescido, havia de ter uma namorada por quem queimasse uma alcaxofra, a quem cantasse umas quadras falando de estrellas e de flores.

A bulha nas ruas, essas noites, não o deixaram dormir. Cada bomba era uma pancada no coração. Um sol-e-dó que passou tocando arrancou-lhe lagrimas d'immensa saudade.

Pelos Santos, com a melancolia do tempo, ainda foi peor.

Depois veio o inverno, começaram os dias de chuva. O máo tempo irritava o patrão, porque lhe afugentava freguezes. Na loja, com recantos muito negros, accendiam-se muito cedo os candeeiros, e o Manuelzito tinha pena da sombra em que se acolhia com maior amor. Pasmava os olhos, fugia com o pensamento para muito longe.

— Acorda, ralaço ! gritava-lhe o patrão.

Estava a chegar o Natal. Que lindo era o Natal lá na aldeia !

Andavam na rua a abrir um cano ; quasi ninguem ali passava ; os passeios eram cheios de lama. O patrão andava furioso.

Então o pequeno teve uma idéa.

*
* *

Lembrou-se de fazer muito misteriosamente um presepio. O segredo em que havia de trabalhar mais o animava na tarefa.

Todos os dias, muito a medo, emquanto o patrão almoçava ou sahia da loja algum instante, vinha á porta, se não havia freguez a servir, espreitava, corria, apanhava um nadinha de barro nas excavações do cano. Escondia-o, e debaixo do balcão, quasi ás apalpadelas, ia fazendo as figurinhas.

Assim modelou o Menino Jesus, que deitou n'um berço de caixa de fosforos, Nossa Senhora de mãos postas, S. José de grandes barbas, os tres Reis Magos a cavallo, e os pastores, um a tocar gaita de folles, outro com um cordeirinho ás costas, e uma mulher com uma bilha. Não se pareceriam lá muito; mas elle deu provas de que sabia puxar pela imaginação.

Sempre lhe faltava alguma coisa. Havia problemas difficeis de resolver.

Um dia, engraxando as botas do patrão, lembrou-se de engraxar um dos reis, e poz-lhe depois d'umas bolinhas brancas, de papel, a fingir os olhos. Aos anjos fez azas com as pennas d'uma galinha que depennou para um jantar de festa que não comeu. Moeu vidro para fingir as aguas do rio, e no papel de embrulho recortou um moinho que só havia de armar á ultima hora.

Levou n'isso parte de novembro e dezembro todo até o Natal.

Escondia os materiaes debaixo da enxerga e, de quando em quando, revia-se na obra.

O que mais o encantava era o Menino Jesus, com a cabeça do tamanho d'um grão de milho, com boraquinhos a fingirem olhos, ouvidos, nariz e bocca. Tinha mãos com cinco dedos riscados a canivete e dois pésinhos que elle achava um encanto.

Com tiras de papel azul havia de fazer o céo e, como o não tinha doirado onde recortasse a estrella, fez em papel branco uma meia lua ; vinha quasi a dar na mesma.

Aquelle mez passou correndo.

Era vespera de Natal. A's dez e meia o patrão mandou-o deitar e sahiu.

Que alegria estar só !

Não lhe deixavam luz ; mas que importava ? A's escuras armaria o presepio. E logo principiou. Enrolou o moinho, poz-lhe as velas ; esticou o papel azul que fingia o céu e pregou n'elle com um alfinete a meia lua ; espalhou o vidro moido n'um S em volta das palhas ; dispoz as figurinhas ; suspendeu os anjos. Depois fez uma carreira de fosforos de cera, que todos se haviam de accender ao mesmo tempo, n'um deslumbramento, quando desse meia noite.

Deram onze e tres quartos.

Ajoelhou.

Batia-lhe o coração, que lhe parecia que deviam de ser milagrosas as figurinhas, que d'ellas lhes viria algum bem, consolação de sua vida triste.

JESUS, MARIA, JOSÉ

BOAS FESTAS, MAMÃ...

Que seria quando elle illuminasse o desvão da escada e os santinhos se puzessem todos a luzir quasi tanto como os verdadeiros? Rezava-lhes... rezava-lhes... A'quella hora, lá na aldeia, tocavam os sinos alegres e iam ranchos contentes caminho da egreja. Lá dentro reluzia o throno, e o sacristão muito atarefado ia, vinha...

Meia noite!

Accendeu os fosforos e ficou-se embasbacado! Nunca assim vira coisa tão perfeita. Os anjos voavam devéras, os cavallos dos reis galopavam, o rio corria, as velas giravam no moinho e os pontinhos do Menino Jesus sorriam lhe no rosto a S. José e a Nossa Senhora!

Poz-se a cantar, como lá na aldeia:

Andava n'essas campinas,
Esta noite, um cherubim.

Tão enlevado cantava, que nem ouviu o patrão abrir a porta, entrar na loja, chegar ao desvão. Acordou-o do extasis um pontapé.

— Isso!... Agora larga-me fogo á escada!... Varre-me já todo esse lixo!

E elle, a chorar, levantou-se, foi buscar a vassoura.

O bruto continuava aos pontapés.

— Vá!... vá!

Mas quando se deitou, encontrou na enxerga uma figurinha. Apalpou-a; conheceu-a logo: era a do Menino Jesus. Beijou-a muito. Peor vida levára do que elle. E chamava-lhe mano.

Sentiu de repente um dó muito grande do patrão, que não vira nada, nem que era tão bonito aquelle menino, com um olhar tão meigo nos seus olhinhos picados.

João da Camara.

ARTE NOVA

Scenas da miseria

Tudo vae mudando com o tempo! Modificam-se as ideias e com ellas os usos, os costumes.

E' o caminhar do progresso! E' a civilisação!

Quantas civilisações tem havido; poderosas de força e riqueza; opulentas de saber e arte, inimitaveis hoje; e extinguiram-se deixando raros vestigios e confusas memorias.

Tambem esta civilisação que deslumbra vae já decadente.

Póde ser que labore em erro, mas quantas vezes, em horas de meditação tenho duvidado da razão de meus juisos, se vejo applaudir e enaltecer uma indignidade ou uma tolice; se vêjo zombar de uma verdade eterna ou amesquinhar meritos reaes.

Tudo vae mudando com o tempo!

Talvez todos tenham razão e por isso quêdo-me em meu pensar.

Isto vem para lhes contar o que vi e ouvi!

* * *

Uma noite de-tas descia a minha rua, mettido n'uma capa a conjurar o frio e a neve que se derretia em chuva miudinha, procurando, quanto possivel, livrar-me d'lama que alastrava pela calçada ameaçando galgar até ás orelhas dos transeuntes, quando deparei sentado na soleira de uma porta com um rapasito de uns dez ou doze annos que choramingava para ali sem tecto e sem conforto.

Detiveme.

O misero muito chegado ao humbral como se d'ali lhe viesse agasalho, mal cobria o corpo com um fatinho esboracado, os pés nus sobre a lama molhada e a chuva penetrando-lhe até aos ossos.

— Tenho fome, soltava o rapasinho por entre chôro, como um queixume da sorte que assim o abandonava, tão novinho e tão desgraçadinho.

— Tenho fome, repetia no mesmo chôro, mas sem se dirigir a ninguem. Era um lamento que lhe sahia da alma, obrigado pela necessidade impreterivel do estomago.

Se estava tanto frio!

Tenho fome! São palavras que tocam o coração mais duro.

Penso que ninguem que attente n'ellas deixará de se sensibilisar e de acudir ao desgraçado que as profere, doloridas e sinceras como as do rapasinho.

Palavras atterradoras, quando exprimem a verdade pela fórma que são ditas, como as dizia o pobre pequeno, n'aquella quietura amargurada em que jazia, aconchegado do frio no humbral da porta como se fôra ao collo de sua mãe.

Todos o deveriam ter soccorido, pensei.

Tanta gente que ia e vinha.

Mas o rapazinho ainda ali estava chorando e teritando com frio.

— Tenho fome.

E se ninguem ainda tivesse attentado n'elle? Ali cosidinho com a porta. A chuva e o frio faziam andar depressa; cada qual rebuçado como melhor podia, andando, andando, sem saber de quem estava.

Tanta vez se é egoista sem querer.

Tudo isto me passou rapidamente pela ideia e quando o meu primeiro impulso não fosse o de acudir aquella criança, estes rapidos raciocinios não me deixaram duvida que o desgraçadinho tinha fome.

Pensei em o levar á primeira taverna que encontrasse, e ahi mandar-lhe dar de comer.

— Vem cá rapasito. Vou dar-te de comer.

Mas elle não se moveu e foi repetindo por entre o choro:

— Tenho fome.

— Já sei. Vem comer ali a uma taverna.

— Tenho fome, repetia, sem se importar com as minhas palavras.

Pensei que não me ouvia bem por causa do bolicio da rua. Approximeime mais e, abaixandome, repetilhe que viesse comer. O misero redebrou o choro e insistiu.

— Tenho fome, hi, hi, hi, tenho fome.

* * *

Dolorosa impressão me causou o cynismo precoce d'aquella criança com que os paes ou quejandos lhe iam envenenando o coração.

Sabia de crianças que andavam mendicando por conta dos paes ou assoldadados por exploradores d'essa industria ignobil que se propaga nas grandes cidades.

Encontreime na presença de um industrioso d'essa especie, bem ensaiado para representar o seu papel.

Compreendi que as antigas formolas mendicantes estavam banalisadas e já não comovia ninguem o pedir *uma esmola pelo amor de Deus.*

Era preciso inventar novos processos. Ser artista na mendicidade como em outra qualquer manifestação social.

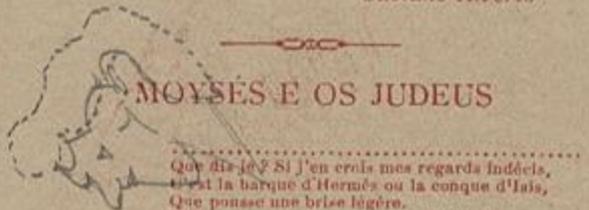
Quantos descem, descem, para subir.

Quantos estudam para enganar.

Que é muito que a miseria ignara a quem negam o pão do espirito, cojite como melhor hade adquirir o pão do corpo.

Qual mais pervertido?

Talvez todos tenham razão e por isso quêdome em meu pensar.

Caetano Alberto.

MOYSÉS E OS JUDEUS

. . . .

Que dis-je? Si j'en crois mes regards indécis,
C'est la barque d'Hermès ou la conque d'Isis,
Que pousse une brise légère.
Mais non: c'est un esquif où, dans un doux repos,
J'aperçois un enfant qui dort au sein des flots,
Comme on dort au sein de sa mère.

. . . .

«Sous les traits d'un enfant délaissé sur les flots,
C'est l'élu de Sinaï, c'est le roi des fléaux,
Qu'une vierge sauve de l'onde.
Mortels, vous dont l'orgueil méconnait l'Éternel,
Fléchissez: un berceau doit sauver Israel,
Un berceau doit sauver le monde.

VICTOR HUGO.

Nenhum paiz conseguio como a patria dos judeus fazer convergir sobre si as attenções dos povos por modo tão insistente e perduravel.

As suas tradições remontam até á origem do homem, creado por Jehova, e atravessam o longo periodo de perto de 6:000 annos.

O seu monotheismo tem-se conservado quasi na pureza primitiva, apezar das sombras projectadas pela introducção abusiva e irreverente de idolos de estranhos em differentes epocas historicas de agitação ephemera. Um respeito profundo obriga-os a empregar a palavra Adonai, quando se referem á Divindade.

A sua esperança na vinda do Messias completa a religião dos judeus na mente dos quaes parece nunca ter existido idéa de alma immortal. Chamados á vida social outr'ora por Moysés, entraram na pósse das terras de Canaan sob o mando de Josué.

Moysés é a grande figura da sua historia e um dos maiores vultos da humanidade.

Assim como na ordem physica a vista fortuita de certos phenomenos apparentemente vulgares, vem muitas vezes despertar um genio e revelar segredos até então occultos, os quaes, a breve trecho, dilatam a esphera das sciencias e redundam em grande copia de bens, assim egualmente no mundo moral um simples facto particular, uma coincidencia futil póde attingir proporções de lei e adaptar-se a uma sociedade inteira: a lampada que na cathedral de Pisa, tendo sido accêsa começou a oscillar por movimentos isóchronos e em que Galileo fixou a sua attenção n'aquella hora, suggerindo a este creador da physica experimental uma resolução prompta deu a invenção do pendulo; — a primeira conquista no Lacio, despertando ambições aos companheiros de Romulo fez brotar o enthusiasmo de dominação insaciavel que levou as leis da cidade do Tibre até muitissimo longe de seu foco irradiante.

Se, pois, partindo das coisas mais frivolas podemos chegar ás concepções mais arrojadas e aos resultados mais gigantescos, não admira que nos impressione e detenha tudo quanto em si patentêa grandeza real e importancia não mentida.

Quem, vendo na arena vegetativa da natureza botanica a Dionaea muscipula, Drosera rotundifolia, Nepenthes, Sarracena, Cephalothus alimentarem-se de insectos ou de pedaços de carne, não se entregará a cogitações profundas? — ao folhear as paginas da historia de Israel, quem não se sentirá enlevado diante do quadro empolgante que retrata a existencia de Moysés?

Rasão teve para escolher em Moysés assumpto de uma de suas mais bellas poesias o auctor dos *Miseraveis*, epopêa sublime em que se destacam o bispo Myriel e João Valjean, o forçado liberto, figuras admiraveis, creações typicas e perfeitissimas de verdadeira philosophia do sentimento.

Quando o filho de Jacob foi vendido por seus irmãos a uns mercadores que, por seu turno, o venderam no Egypto a Petephri, official da corôa, já tinham havido algumas relações entre hebreus e gente d'aquelle paiz.

Em tempo porém de José o qual junto do Pharaó gosou de auctoridade ampla, veiu ao Egypto Jacob com sua familia, fixando-se em Goshen. Bafejou-os a fortuna e cresceu com rapidez incalculavel a população primitiva: «O Egypto, disse um celebre historiador grego, Herodoto, é uma dadiva do Nilo».

Champollion deixou esta descripção:

«Póde-se dar idéa da fertilidade do Egypto, dizendo que a terra produz todos os mezes flôres e fructos. Semeam-se os trigos em novembro, á medida que as aguas do Nilo se retiram; os narcizos, as violetas e a collocasia florescem; colhem-se as tamaras e o sebeste em dezembro; as arvores perdem as folhas; mas os trigos, as hervas, as flôres, cobrem a terra por toda a parte dando-lhe o aspecto de nova primavera. Em janeiro semeiam-se os tremoços e outros grãos, as favas e o linho: a laranjeira, a romanzeira florescem; os trigos mostram as suas espigas no Alto-Egypto, e no Baixo colhe-se o sene, a canna de assucar e o trevo. No mez de fevereiro a verdura cobre todos os campos, semeia-se o arroz, apanha-se a céva-da; as couves, os pepinos e os melões amadurecem. Em março as plantas e os arbustos florescem; recolhem-se os trigos semeados em outubro e novembro. Na primeira quinzena de abril, apanham-se as rosas; em seguida semeiam-se alguns trigos e ceifam-se outros; o trevo dá segunda camada. Em maio, faz-se a colheita dos trigos d'inverno; a acacia, o hinnê florescem, os fructos temporões são colhidos, taes como as uvas, figos, alfarrobas e tamaras. Em junho, o Alto-Egypto colhe a canna de assucar. Julho, traz a plantação do arroz, do milho, a colheita do linho e do algodão, e a abundancia das uvas nos arredores do Cairo. Em agosto, é a terceira camada do trevo, a florescencia do golfão e do jasmim; as vinhas e as palmeiras estão carregadas de fructos maduros, os melões estão já demasiado aquosos. A colheita das laranjas, dos limões, dos tamarindos, das azeitonas e do arroz, annuncia o mez de setembro. Em fim, em outubro começam as sementeiras; a herva cresce o bastante para occultar o gado, e as acacias e outros arbustos espinhosos estão cobertos de flôres odoriferas.

Não ha nada que eguale esta riqueza e variedade de vegetação; que não se obteria d'um tal paiz, se a industria e civilisação européas, podessem la espalhar todos os seus beneficios?»

Tal como o descreveu o sabio Champollion na passagem que acabo de inserir, viu-o a antiguidade. Os hebreus permaneceram longos annos no

tracto de paiz que lhes fôra concedido e foi só depois da expulsão dos hyksos que principiou para elles o periodo de soffrimentos vexatorios que transformou o seu viver prospero e alegre n'um captiveiro insupportavel.

Entretanto, engrossando-lhe o numero cada vez mais, um dos Pharaós ordenou o morticinio das creanças hebrêas do sexo masculino e tendo-se recusado as parteiras egypcias á pratica d'esta idéa infernal resolveu o rei cruel que o Nilo fosse tumulo de taes creanças.

«Quando o povo de Israel, escreveu Royaumont na *Historia da Santa Biblia*, soffria no Egypto uma perseguição injusta e um rei ingrato queria extinguir uma raça á qual os seus antecessores eram devedores do reino e da vida, um homem da tribu de Levi, chamado Amrão, teve de Jochabed, sua mulher, um filho perfeitamente bello. Sua mãe, tocada por tão grande belleza, fez um esforço para o occultar durante tres mezes. Como porém, as ordens do Pharaó eram executadas severamente, foi obrigada a abandonar seu filho, com receio de perder se ella propria. Fez uma especie de berço, de juncos enlaçados, e tendo ahi mettido o pequenino, assim o expoz na borda do Nilo. Recommendou á irmã d'elle que se conservasse perto do rio para saber o que lhe acontecesse. A filha do Pharaó, veio então ao Nilo para banhar-se, acompanhada de todas as suas creadas. Apenas avistou esta cesta de juncos, a sua curiosidade quiz logo instruir-se do que era, e mandou a uma das raparigas que lh'a fosse buscar. Quando viu o menino que chorava no berço, condoeu-se d'elle; e a sua belleza augmentando-lhe ainda a ternura, resolveu salval-o.»

Coincidencia notavel: o acto que restituia ao ser esta creança exposta á beira de precipicio, acto que era devido ao impulso expontaneo d'um coração terno, significava aliás uma infracção vehemente pela filha generosa ás determinações de pae deshumano!

Ao innocente, arrancado ao abysmo por modo tão romantico, foi posto o nome de Moysés, *salvo das aguas* e a sua libertadora gentil quiz que se educasse no regio alcáçar.

Moysés embalado na atmosphera moralmente deleteria que reina quasi sempre na habitação dos grandes, passou da infancia á juventude e attingiu a idade viril forte de corpo e instruido profundamente de espirito.

Não lhe foi extranho nenhum dos ramos de sciencia cultivados então no Egypto.

E' por isso que o distincto erudito Fréret, illustre secretario da academia franceza «des Inscriptions et Belles-Lettres» — fallecido no seculo passado, dizia no *Ensaio sobre a historia e a chronologia dos assyrios de Ninive*»... Moysés, o mais antigo e o mais respeitavel de todos os escriptores.»

Moysés contando já 40 annos de idade vendo um dia um egypcio maltratar um hebreu, matou o aggressôr e refugiou-se no dezerto do Sinai vindo a desposar Sephora, filha do sacerdote Jethro.

Deus apparecendo-lhe no Horeb em uma sarça ardente que não se consumia, ordenou-lhe que tirasse o seu povo da escravidão. O filho de Amrão e de Jochabed obedeceu pressuroso ao impeto d'aquella voz que lhe respondêra do seio do prodigio: «Eu sou QUEM SOU» e tendo intimado o Pharaó para que consentisse na sahida dos hebreus do Egypto a fim de irem sacrificar no deserto ao Senhor, como experimentasse uma recusa annunciou-lhe dez flagellos que cairiam sobre os seus povos opprimindo-os: (agua mudada em sangue; rãs; mosquitos; moscardos; peste dos animaes; ulceras e tumores; granizo e trovoada; genitos.) gafanhotos; trevas de tres dias; morte dos primo-

Taes fôram as famosas—Pragas do Egypto—!

Finalmente, obtida a permissão solicitada, Israel deixou o Egypto sob o mando supremo de Moysés, contando em seu numero 600 mil homens capazes de pegar em armas.

Ao passo que os israelitas se apartavam assim das terras do Nilo e atravessavam o mar Vermelho a pé enxuto o Pharaó arrependido, querendo remediar o que fizera por surpreza e evitar as consequencias ultimas de sua leviandade, lançou-se na perseguição dos fugitivos; mas aquelle mar silencioso e tranquillo á passagem dos hebreus, foi sepulchro enorme do Pharaó orgulhoso e de seu exercito escravisado.

Moysés entoou então na margem asiatica o cantico admiravel que alcançou até nós de geração em geração.

«Gloria ao Senhor, que se glorificou a si mesmo, e que precipitou no mar o cavallo e o cavalleiro.

«A minha força e a minha gloria existe no Senhor, que foi a minha salvação; elle é o meu Deus, e eu o glorificarei; é o Deus da minha alma e eu o exaltarei.

«O Senhor mostrou-se como um guerreiro; o seu nome é omnipotente.

«Lançou no mar os carros, e o exercito de Pharaó; os seus grandes foram abysmados no mar Vermelho.

«Os abysmos os cobrem; cahiram, como uma pedra, no fundo das aguas.

«A tua dextra, ó Senhor, assignalou-se pela sua força; a tua dextra, ó Senhor, feriu o inimigo.

«E tu aniquilaste os teus adversarios na immensidade da tua gloria; e enviaste o teu furor, que os devorou como um atomo.

«As aguas accumularam-se sob o sopro da tua colera; a onda corrente parou, solida; e os abysmos se aplanaram no meio do mar.

«O inimigo disse; Eu os perseguirei, eu os alcançarei, repartirei os seus despojos, e a minha alma ficará satisfeita; desembainharei o gladio, e a minha mão os exterminará.

«O teu espirito soprou, e o mar os cobriu: foram abysmados, como o chumbo, nas aguas enfurecidas.

«Quem te eguala em força, ó Senhor? quem se assemelha a ti, tão resplandecente de santidade, terrivel, e admiravel em teus prodigios?

«Estendeste a mão e a terra os devorou. Na tua bondade, serviste de guia ao povo, que livraste, e levastel-o pelo teu poder, até ao logar da tua santa morada.

«Os povos levantaram-se irritados: os habitantes da Palestina encheram se de colera; os principes d'Edom perderam o animo; os valentes de Moab tremeram; e os habitantes de Canaan consumiram-se de medo.

«Que o terror e o receio do teu braço vigoroso os accommettam, ó Senhor; que fiquem immoveis, como uma pedra, até que haja passado o teu povo, este povo, que fizeste teu.

«Tú o conduzirás, tu o estabelecerás na montanha da tua herança, na solida morada, que para ti construiste, ó Senhor; no teu santuario, ó Senhor, que tuas mãos ali fundaram.

«O Senhor reinará na eternidade, e além de todos os seculos.

«O Pharaó entrou no mar com seus carros, e cavallos, e o Senhor fez voltar sobre elles as aguas do mar: porém os filhos de Israel passaram a pé enxuto pelo meio das aguas».

Linguagem scintillante, poesia sublime o povo que residira 430 annos entre gentes por ventura de origem diversa e professando culto muito differente, comprehendeu-a logo e acompanhou o inspirado vate na demonstração gratissima de seu reconhecimento ao Eterno, repetindo em côro: «Cantemos o Senhor, que se glorificou a si mesmo, que precipitou no mar o cavallo e o cavalleiro».

Maspero, homem de letras notavel, depois de referir os factos relativos ao exodo na *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, accrescentou o seguinte: «Tal é a historia que tinha curso entre os Hebreus, no momento em que os seus livros fôram redigidos na fórma que hoje têem. Um facto unico é para conservar n'esta narrativa: um bando de judeus cansado de sua condição aproveitou-se da desordem para se evadir e salvar-se no deserto.»

Qualquer que seja o valor intrinseco dado a esta asserção ella em todo o caso não desmente a BIBLIA e não póde, portanto, servir de base a argumento algum com que se intente pôr em duvida a auctoridade inconcussa do livro venerado egualmente por judeus e christãos.

Moysés, fóra de perigo das forças pharaónicas e havendo recebido o DECALOGO, codigo fundamental da civilisação que nenhuma intelligencia humana poderia formular jámais, constituiu e organisou o povo israelita que em seguida á sua morte entrou com Josué na terra da promissão.

Antes porém de exhalar o alento derradeiro escrevera o *Pentateuco*, documento authentico que seria transmittido até á posteridade mais remota.

Os cinco livros d'esta obra incomparavel encerram a materia seguinte distribuida consoante os seus titulos respectivos: *Genesis*, ou a origem e creação do mundo até á morte de José; *Exodo*, ou a historia dos Hebreus desde a sahida do Egypto até á dedicação do tabernaculo no dezerto; *Levitico*, ou o tratado do culto; *Numeros*; ou a historia dos 40 annos que os hebreus passaram no dezerto, contendo tambem o seu computo; *Deuteronomio*, ou a exposição de occorrencias no dezerto durante o quadragesimo anno a contar da partida dos hebreus do Egypto, recapitulando ao mesmo tempo os preceitos de Moyses.

«Moysés, escreveu o eminente litterato italiano Cesar Cantu, foi com effeito, o maior homem que a historia conhece. Foi conjuntamente poeta, e propheta insigne, o primeiro dos historiadores, legislador, profundo politico e libertador.

Como acontece, que haja exposto, ha tantos seculos, doutrinas, que a physica e a geologia só ha pouco verificaram? Se fôra um impostor, porque rasão se contentaria de recordar simplesmente factos, cuja intelligencia não estava preparada? Não se poderá dizer, que sómente escreveu o que lhe dictaram, e sem que elle mesmo comprehendesse tudo perfeitamente? As suas proprias leis suppõem uma sciencia de tal sorte antecipada, que pareceria um milagre. Sem ambição, não procurou o poder para si, nem para seu irmão; porém quiz, do estado de hordas vagabundas, elevar o seu povo ao grau de nação estavel, constituindo-a nas tres grandes unidades de Jehovah, d'Israel e do Thora, isto é, um Deus, um povo, e uma lei. Os codigos modernos limitam se, quasi unicamente, a proteger a possessão, e a transmissão da propriedade, e a impedir o mal, esquecendo a familia e os cidadãos. Os antigos legisladores prescreviam alem d'isso, o bem, e desciam ás mais minuciosas particularidades do culto, da policia e da salubridade. Assim o de Moysés abraçou, desde as mais altas combinações da politica até aos costumes domesticos, tendo sempre em vista a estabilidade do caracter nacional, e a moralidade. A religião de uma moral severa, cheia de confiança na Providencia, não é uma doutrina secreta; porém estabelece uma egreja nacional, e uma theocracia reguladora da vida: não é um engenhoso encadeamento de idéas metaphysicas, sem influencia nas acções, mas um vivo e assiduo contacto com Deus, entre o terror e o amor.»

Ficaram mais do que tradições ingenuas a attestar diante dos seculos que Moysés não é um mytho; e ainda quando semelhantes tradições se tivessem obliterado da memoria dos povos, pôl-o-ia de sobra em evidencia o *Pentateuco*, trabalho eloquente n'um estylo de simplicidade constante, citado pelos escriptores mais antigos a que podemos remontar e que sem discussão de registo sensivel todos attribuem a Moyses.

Roma, a cidade de destinos tão singulares, possue entre as obras-primas que a opulentam uma estatua gigantesca, modelo de primor: é a estatua de Moysés, feita por artista inimitavel, uma joia inconfundivel a encimar a auréola de immortalidade que evoca das sombras funereas o pintor genial, tambem architecto e poeta, a que a Italia serviu de berço e que teve nome de Miguel Angelo: a homenagem de um astro puro e fulgurante a outro astro que embora não tenha tido a aurora da Renascença, comtudo brilhou com louçania ridente em ceus não menos estrellados! E, agora, muito melhor do que Renan, n'este caso com fundamento legitimo eu posso apropriar a Moysés mediante uma unica alteração de nome as palavras do finado academico francez em referencia a Jesus: «Seja como fôr, ELLE não será excedido».

Mesmo na hypothese de não acreditarmos na missão especial confiada por Deus á pessoa d'este grande homem e de não acceitarmos os seus trabalhos geniaes como producto de inspiração divina, ainda assim, seremos forçados a confessar que nunca appareceu á face do planeta Terra nenhum ente d'aquella estatura incommensuravel, a um tempo organisador e chefe militar d'um povo, historiador sem rival, e legislador inimitavel.

«Nous voyons dans son oeuvre politique, disse Arbanère, un des plus hauts degrés où soit parvenu le génie humain.»

O povo judeu sustentou muitas luctas com inimigos terriveis e manteve relações amplas e diversissimas em regiões varias.

De raça semita e bastante cioso, não era então nem hoje é amigo verdadeiro de qualquer outro povo não pertencente á sua grei

Fórmas differentes presidiram ao machinismo interno de seu governo, desde os patriarchas e os juizes até ser installada a realeza, surgindo em tão longa quanto accidentada carreira uma physionomia typica e extraordinaria, o propheta! O prophetismo dos judeus é a feição caracteristica de sua existencia historica e um argumento poderoso que deve tomar se para base de todas as censuras que lhes são feitas.

Aquelles videntes cujas expressões fôram guardadas escrupulosamente, traçaram com antecipação de seculos quadros luminosos do porvir, sem se esquecerem mesmo de individuar nas particularidades minimas os acontecimentos de que haviam de depender as glorias sanctas da humani-

CONVIDADOS PARA A MERENDA — *Quadro de L. Runa*

dade e as conquistas deslumbrantes do progresso!

Alvoreceu um dia em que já não houve articulação na voz do propheta e em que já tambem não havia lembrança dos soffrimentos do captiveiro. Os tempos do Egypto não podiam retroceder, Moysés fechára as palpebras no monte Nebo e os salgueiros de Babylonia não os amendrontavam nem os seduziam.

E' mister recordar aqui que os judeus não cultivaram as sciencias; em compensação porém, o Pentateuco, as Lamentações, os Psalmos, alguns canticos de lyrismo arrebatador são o que de mais soberbo e surprehendente possuem as gerações humanas no campo da litteratura e o que de mais primoroso na fórma ideal de esthetica e de mais puro no sentimento elevado tenha brotado de alma racional.

Mas n'aquelle dia de mudez prophetica absoluta e de estonteamento completo de cabeças, o sol allumiava uma desconhecida era nova para elles muitissimo afastada das semanas preditas por Daniel.

Muitissimo afastada psychologicamente fallando, porque materialmente os judeus estavam a braços com os romanos os quaes logo no seculo em que sanccionaram o processo e morte de Jesus estabeleceram o cêrco regular de Jerusalem, confirmando-se assim perante o tribunal da Historia a veracidade das prophecias.

A authenticidade dos factos relativos a Vespasiano e a Tito acha-se firmada inabalavelmente pela penna de escriptores sinceros e profundos entre os quaes justissimamente sobresahem um judeu, que é Josépho e dois romanos, Suetonio e Tacito, o immortal cinzelador na téla dos acontecimentos!

Os judeus appeteciam um Messias guerreiro, dominador temporal e universal dos povos, accommodado a seus desejos insaciaveis e a sua cobiça sordida, e por isso negaram-se á palavra da Humildade e á luz da Justiça. Fóram pois cegos na velhacaria e impenitentes na maldade.

Não lhes chamarei raça maldita nem tão pouco os voto a odios e a malquerenças systematicas; a benção de Deus abrange todos os homens em todas as epocas e é baixo e vil n'um caracter são levantar barreiras de homem para homem.

Todavia não me inspiram grandes sympathias uns individuos que se hostilisam entre si simulando cuidadosamente o contrario, preferindo trabalhos que se prestam ao dolo e demandam pouco esforço, em geral armados com expedientes de má fé e riso de sereia para toda a categoria de negocios.

Embora não impendesse á sua responsabilidade exclusiva o drama repugnante da Paixão muitissimos actos de perfidia e de ingratidão mancham os seus annaes, pondo em guarda quem tem que tratar com elles.

E' certo que outros povos seus coevos e não coevos prevaricaram, ousaram emprehender coisas infames e mereceram castigo tremendo; mas ninguem poderá contestar a sério que seja o judeu o mais pertinaz no erro e o mais diligente na astucia.

Separados por distancia irreductivel de todas as sociedades religiosas do mundo não hesitam, se as conveniencias interesseiras o reclamam, em pactuar com os mais ardentes nas crenças alheias e em armar jogo ao oiro luzente e seductor com requinte de calculo e bondade ficticia.

A sua moral de vai-vem suggere-lhes na medida intellectual de todos os individuos com quem deparam linguagem propria a malear resistencias e a adormecer suavemente nas malhas enganosas da corrupção.

Na hora em que só restassem pygmeus na esphera politico-social das nações, viriam os judeus orgulhosos e sobranceiros tentar a compra das consciencias como hão logrado realizar a das coisas.

Entretanto, cumpre render um preito elogioso a uma de suas instituições sociaes de benemerencia ingentissima, o jubileo dos 50 annos, destinado a manter equilibrio de egualdade na pequena propriedade, pela reversão periodica de bens á posse anterior dentro das mesmas familias.

«Les grandes propriétés, exclamava Voltaire citado por Joseph Salvador sont un des fléaux de l'agriculture. Qu'on ouvre les yeux sur la plupart des gouvernements modernes ou qu'on lesjette sur l'histoire des anciens empires, on en trouvera partout la preuve...

Diviser les fermes, multiplier les ateliers rustiques c'est le seul moyen de peupler lescampagnes et même les villes; c'était le principe de Moise. On aura beau s'agiter, calculer, systématiser, il faudra toujours en venir là».

Tal é em largos lineamentos o meu conceito sobre o papel desempenhado por Moysés na successão das idades e o meu juizo synthetico de interpretação imparcial ácerca dos judeus.

D. Francisco de Noronha.

CONVIDADOS PARA A MERENDA

Quadro de L. Runa

uma scena familiar na vida dos campos aquella que reproduz o bello quadro representado pela nossa estampa.

N'elle revela o artista as boas qualidades que possue, mostrando um perfeito estudo dos animaes, da figura, e da paizagem.

Composição artistica ou simples reproducção da natureza, o quadro é egualmente apreciavel, pela harmonia dos seus grupos, pela distribuição dos varios planos.

Os innocentes gallinaceos do quadro de Runa não são, decerto, pela sua voracidade, que chega a tornar-se aggressiva, dos melhores companheiros de brinquedos infantis, mas o pequenino camponez sabe contel-os em respeito e a devida distancia. Convida-os para a sua merenda, mas do pão que tem para lhes dar em migalhas muitos serão os contemplados, que apressadamente para elle se dirigem, grasnando festivamente. E no casto prazer que a criança desfructa vae-se-lhe o coração avigorando para o bem, para as boas obras.

Aos srs. assignantes

Com este numero termina o 24.º anno do OCCIDENTE e com elle enviamos as boas festas aos nossos assignantes, fazendo votos para que tenham um bom anno feliz.

Esperando que continuarão a honrar com a sua assignatura esta revista, envia os seus agradecimentos

A Empreza.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes o frontespicio, indices e capa de papel do presente volume e um supplemento brinde, **Adoração dos Santos Reis Magos**, quadro de Giordano.

O supplemento avulso custa 200 réis, e com o numero 320.